

**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**

**Faculdade de Ciências da Educação FACE**

**Curso – Pedagogia – Formação de Professores para as Séries  
Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10**

**Professora Orientadora: Odiva Silva Xavier**

**Acadêmicos: Antônia de Souza Ribeiro Tavares RA: 4025088/9**

**Maria Betânia Mundim Rios Vieira RA: 4035352/7**

**Turma: D Turno: Vespertino**

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO  
DE VALORES HUMANOS**

**Brasília, junho de 2006.**

**Antônia de Souza Ribeiro Tavares**

**RA: 4025088/9**

**Maria Betânia Mundim Rios Vieira**

**RA: 4035352/7**

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO  
DE VALORES HUMANOS**

**Trabalho apresentado ao Centro Universitário de  
Brasília - UniCEUB como parte das exigências para  
a conclusão do Curso de Pedagogia - Formação de  
Professores para as Séries Iniciais do Ensino  
Fundamental – Projeto Professor Nota 10**

**Orientadora: Odiva Silva Xavier**

**Brasília, junho de 2006.**

**Dedico este trabalho a todos aqueles que se identificam com a profissão de ser Professor. Aqueles que não a consideram somente como uma questão de sobrevivência, mas, trazem consigo uma grande vocação e acima de tudo consciência de uma responsabilidade, a de educar. Ser professor é um ato de ser humano.**

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradecemos a Deus pela dádiva de viver, pela saúde, pela persistência e força de vontade, conseguindo enfim chegar ao objetivo esperado. Aos nossos familiares pela compreensão dos momentos que não pudemos estar presente durante esses anos, agradecemos pelo apoio dado, sempre nos incentivando e ajudando a não desanimar e ainda aos nossos amigos e colegas que mesmo indiretamente compartilharam conosco esse percurso.**

**Não poderia deixar de agradecer a Prof<sup>a</sup> Odiva Silva Xavier que orientou esse trabalho contribuindo com suas experiências ajudando a finalizar essa pesquisa e ainda as duas Instituições de Ensino (uma na Zona Urbana e outra na Zona Rural) situadas em Planaltina - DF que abriram as portas para que fosse realizada a pesquisa, mostrando a realidade desse trabalho.**

**“Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.”**

**Jean de La Fontaine**

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar experiências pedagógicas que buscaram investigar a importância da literatura infantil na formação de valores humanos, como respeito, solidariedade, gratidão, justiça, amizade, cooperação e outros, imprescindíveis para a convivência em uma sociedade democrática e pluralista. Todos esses valores estão contidos, de forma clara ou implícita, nas histórias que são lidas e contadas para as crianças desde tenra idade. Essas histórias funcionam também como válvula de escape e permitem que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, ajudando a formar sua personalidade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa em duas turmas de 2ª série do Ensino Fundamental, em escolas situadas em Planaltina - DF, servindo-se do relato de experiências elaborado a partir de dados coletados por meio da observação dos alunos e da entrevista com professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Inicialmente fez-se uma pesquisa teórica da qual foram extraídos os principais conceitos e abordagens relativos à formação de valores humanos por meio da literatura infantil. Assim, com base no referencial teórico e no trabalho realizado em sala de aula, utilizando-se de contos, fábulas e histórias infantis, durante quatro semanas, pôde ser observado que os alunos antes não conseguiam conversar, gritavam muito e se agrediam física e verbalmente, agora apresentam atitudes de respeito na resolução de conflitos, posicionando-se de forma mais crítica e responsável nas situações do dia-a-dia. Das entrevistas com os professores, pôde-se evidenciar que esses profissionais não se preocupam em explorar a literatura infantil como recurso para a formação de valores humanos, não tendo eles mesmos, o hábito de leitura. Conclui-se diante dos resultados obtidos, mesmo em um curto período de tempo, que a literatura infantil é um rico filão para se trabalhar os valores humanos na educação escolar, uma vez que, aprender a ser cidadão ou cidadã é, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça e não-violência desde a infância. É aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com uma vivência melhor na sala de aula, na escola, na comunidade, na sociedade maior e no mundo, porque cada pessoa é parte do universo.

Palavras chaves: Literatura Infantil, Valores Humanos, Atitude.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2 - OBJETIVOS DO ESTUDO	29
2.1 Objetivo Geral	29
2.2 Objetivos Específicos	29
3 - ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	30
4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
7 - APÊNDICE	46
8 - ANEXOS	47

## INTRODUÇÃO

A expressão Era uma vez ... imediatamente nos leva a um reino de magia, a uma paisagem na qual um sapo pode virar um príncipe, uma varinha pode ter poderes extraordinários, e na qual o confronto entre o bem e o mal, personalizado nas figuras das fadas, magos e bruxas, conduz a conflitos espetaculares.

Era uma vez ... Num reino muito distante ... Há muitos e muitos séculos atrás ... Havia um castelo ... Estas expressões nos inserem num mundo onde não existem marcas específicas de tempo ou espaço. Ao trabalharmos os contos de fadas estamos numa terra fantástica onde quase tudo pode acontecer - é o mundo dos sonhos.

A infância é uma época de diversão, encantamento e descobertas. Grande parte da beleza desse período tão especial em nossas vidas, deve-se às histórias maravilhosas, que ouvimos de nossos familiares – pais, mães, avós e professores. Elas nos permitiam conhecer e criar lugares, além de viver as mais diversas sensações fundamentais para o nosso desenvolvimento intelectual e emocional. Sem estas histórias, quão triste e sem graça teria sido nossa infância!

Estamos vivendo uma época em que os pais têm cada vez menos tempo para dedicar aos seus filhos, enquanto estes passam a maior parte do próprio tempo em frente a um aparelho de televisão. Uma época em que os valores mais básicos e nobres que deveriam nortear a existência humana estão sendo esquecidos: ser feliz e fazer o outro feliz. O que observamos é uma completa inversão de valores, onde a competição, o individualismo e a intolerância estão minando a capacidade do ser humano de se relacionar com os seus semelhantes.

A proposta desse trabalho é justamente fazer das histórias que povoam e encantam o universo infantil, um caminho para o resgate desses valores que

infelizmente estão se perdendo no corre-corre da vida moderna e contribuir para a formação de seres humanos mais justos e felizes.

O trabalho está organizado em cinco seções. A primeira apresenta a fundamentação teórica, que ofereceu sustentação para o estudo do tema e iluminou a elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Os objetivos do estudo estão apresentados na Seção 2, a metodologia da pesquisa adotada e a sua caracterização, estão situadas na Seção 3, a análise e a discussão dos resultados alcançados no desenvolvimento do trabalho estão localizados na Seção 4, seguido das conclusões a que chegou com o estudo, na Seção 5.

O apêndice e os anexos complementam o trabalho trazendo o roteiro de entrevista proposto para levantamento de opiniões dos professores e a relação das histórias utilizadas para a pesquisa respectivamente.

## 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por volta do final do século XVII a criança era vista como um pequeno adulto. A partir de então, já no século XVIII é que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelos quais deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. A literatura infantil ganhava espaço, mas com o cunho pedagógico e didático, tinha o objetivo de doutrinar a criança para os valores vigentes na sociedade dos adultos, formar bons hábitos e desenvolver bons sentimentos, deixando de ser vista como arte. No Brasil somente a partir do século XX com Monteiro Lobato é que a literatura infantil se propagou através da sua criatividade. Partindo do conhecimento europeu criou assim a literatura para a criança brasileira.

A literatura infantil tem um valor inquestionável para a formação do caráter da criança, que procura se basear nas situações lidas e imaginadas. O gosto pela leitura deve ser incentivado a fim de preparar as crianças para uma percepção maior do mundo repleto de diversidades.

Atualmente, é cada vez mais importante que a escola cumpra seu papel na sociedade, trabalhando a formação do cidadão crítico, criativo, autônomo e capaz de lidar com as diferenças. De acordo com Souza (2004, p. 14), *“nesse cenário de velozes e intensas mudanças, cresce a importância da escola no mundo atual, sendo a ela atribuído papel fundamental na construção da cidadania”*.

Ao reunir pessoas de várias raças, religiões, habilidades, posições sociais, costumes e ideologias, a escola se torna o laboratório perfeito para criar, resgatar e alimentar valores fundamentais a convivência humana. Autores como Chalita (2003) argumentam que uma das maneiras de concretizar esse trabalho em sala de aula é explorar a riqueza das histórias infantis, pois, elas contêm o que é imprescindível

para que se possa compreender a dualidade da vida em toda sua essência e dão a base para a interpretação de formas variadas. Este autor diz ainda que:

Virtudes, valores e sentimentos como amor, amizade, idealismo, coragem, esperança, trabalho, humanidade, sabedoria, respeito e a solidariedade são alguns dos instrumentos fundamentais ao bom andamento dessa orquestra magnífica que é, sem sombra de dúvida, o cerne da ópera da vida (CHALITA, 2003, p. 202).

Neste sentido, o trabalho com a literatura pode contribuir muito para a formação de um cidadão comprometido com a construção de um mundo mais fraterno e menos intolerante. Ziberman, citado por Pazos (2004, p. 15), aborda o ensino da literatura na escola como uma matéria sensível para a formação do homem. Sendo assim, o professor possui uma importante missão: não somente preocupar-se com o processo de formação de leitores, mas também com o desenvolvimento de valores e a cristalização de bons hábitos. Nesse contexto Cristiane Oliveira (2005) fala da importância da literatura infantil na vida das crianças.

É no encontro com qualquer forma de Literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a Literatura apresenta-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias. A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade (OLIVEIRA, 2005).

Scliar, citado por Souza (2004, p. 15) afirma que *“(...) as mudanças sociais atuais influenciam a escola, mostrando-lhe a necessidade de construir uma pedagogia crítica pautada em valores como sociedade, respeito, justiça, igualdade, democracia e direitos humanos”*.

Segundo Ziberman, citado por Pazos (2004, p.285), a leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizada, pois o indivíduo penetra no seu eu mais íntimo e profundo, sem perder de vista sua subjetividade e sua história. Assim, o pequeno leitor expande as fronteiras do conhecido, do vivenciado no cotidiano e absorve, por

meio da imaginação, novos parâmetros referenciais, decifrados pelo intelecto. Dessa forma a criança se enriquecerá com novas vivências lúdicas, que serão transmutadas para sentimentos de triunfo, transformação e se o professor souber direcionar adequadamente para resgate e formação de valores.

É nesse sentido que a Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética.. O que as crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de **bom** ou **mau**, **certo** ou **errado** (OLIVEIRA, 2005).

De acordo com Pazos (2004, p. 295), temas como vaidade, gula, inveja, mentira, avareza e preguiça estão presentes nos contos de fadas, na literatura infanto-juvenil, que podem auxiliar a criança a conhecer melhor alguns sentimentos que experimenta. A finalidade dessa discussão em sala de aula não deve ser pedagógica, ela deve suscitar idéias para que as crianças reflitam, sem que sejam determinados parâmetros normativos ou punitivos. Nesse ponto, a função da literatura é a vida das crianças e dos adultos e suas contingências, suas conquistas e derrotas, seus obstáculos e sentimento. Cármen Ribeiro Leite (1999), nos apresenta a origem da literatura infantil que nos dias de hoje deve estar associada a linguagem artística para melhor entendimento da vida pela criança.

Desde a sua origem, a literatura infantil esteve mais ligada à pedagogia do que à arte. Por isso, dentro do panorama literário, o livro infantil, durante muito tempo, foi considerado uma obra menor, destinada a passar conceitos e normas de conduta sociais, não uma obra artística que trabalha com o imaginário da criança. São os chamados livros utilitários-pedagógicos que, como a palavra diz, procuram ensinar ou passar mensagens específicas: “Seja um bom menino”, “Ajude a mamãe e a professora”, “Leia livros”. Essa maneira de perceber a literatura infantil existe até hoje, apesar das obras que questionam esse conceito. Uma literatura que dê conta da mente infantil, muito mais intuitiva do que lógica, deve estar vinculada à linguagem artística, que busca de maneira inusitada sugerir e não afirmar idéias e experiências. Esses livros que se lançam no caminho da invenção são os chamados estéticos (LEITE, 1999).

Para falar sobre a construção de valores na escola é importante entendermos que as pesquisas a esse respeito classificam-na em dois conjuntos, sendo um deles o que se preocupa com os aspectos cognitivos subjacentes aos atos e julgamentos morais e o segundo aspecto é ligado à investigação dos efeitos da aprendizagem social sobre a criação de regras e sanções. Porém, é fato que o desenvolvimento moral é um fenômeno complexo que têm influência tanto de fatores cognitivos, afetivos, quanto culturais sendo eles complementares para essa aquisição. Assim, de acordo com Sabini (2002, p. 16):

A teoria da aprendizagem social investigou a expressão ou inibição de comportamento punidos ou recompensados pelos agentes sociais. Duas proposições foram objetos de pesquisas: a primeira buscou base empírica para a afirmação de que a orientação moral está apoiada no medo de a conduta vir a ser descoberta e na conseqüente punição. Na segunda, as investigações concentraram-se na orientação moral caracterizada pela independência das sanções externas e controlada pelo respeito e amor à autoridade.

Dos autores que se preocuparam com a explicação do desenvolvimento moral pela abordagem cognitiva destaca-se Jean Piaget (1896 – 1980). Ele defende os seguintes princípios de acordo com Sabini (2002, p. 176):

ênfase no aspecto cognitivo em detrimento das emoções;

o conteúdo moral e o raciocínio moral não distintos. O conteúdo varia conforme as circunstâncias, mas a qualidade do raciocínio depende do estágio de desenvolvimento;

a habilidade de pensar sobre o problema acontece numa seqüência invariante de avanços qualitativos, mediante estágios de integração hierárquica (Piaget, apud SABINI, 2002, p. 176).

Piaget, citado por Andrade (1995), afirma que o caráter de uma criança começa a ser construído quando deixamos que ela própria, no berço, se desembarace do lençol que lhe impede os movimentos. Pois, o problema da criança é independentizar-se, desenvolvendo a iniciativa, na busca de soluções lógicas para seus problemas.

A autora prossegue dizendo que Piaget analisou como as crianças evoluem progressivamente de um estágio inicial de anomia (incapacidade de compreender ou de praticar regras) para a heteronomia (prática de regras sem compreendê-las) e desta para autonomia (capacidade de autogovernar-se pela interiorização de regras).

Em suas pesquisas, Piaget (1977) constatou que quanto menor a criança, mais atribui a obrigação moral à autoridade (heteronomia), numa atitude idólatra, porque considera a regra imutável e a autoridade inquestionável.

Piaget também afirma que a moral se incorpora à consciência, na medida em que resulta de um acordo entre indivíduos que se respeitam mutuamente, porque respeitam a si próprias. Daí a importância de se propiciar ao educando a construção do autoconceito, da auto-imagem e da auto-estima, aspectos respectivamente cognitivo, perceptivo e afetivo da elaboração da própria identidade que se desenvolvem paralelamente.

O autor defende incisivamente, a disciplina autônoma, a partir da construção coletiva de regras e das atividades em grupo, não só em nome da autonomia do indivíduo e da ação partilhada, mas sobretudo porque o egocentrismo natural do comportamento infantil é superado a partir do conflito que surge no confronto de interesses e de idéias.

Contudo, alguns teóricos pesquisados aceitam que a construção de valores se dá pelo direcionamento da conduta ou que essa aconteça por estágios. No início do processo a criança pode estar até mais sujeita ao controle dos estímulos oferecidos pelos adultos no contexto. No entanto, com o tempo o controle é substituído por um processo psicológico complexo em que a automotivação e as expectativas tornam-se mais relevantes dando lugar ao autocontrole.

Assim, essa construção, necessita de um aprendizado gradual conseguido pela repetição de atos nos quais a pessoa persiste. Segundo Bozhovich (1965) “Sin embargo, la ejecucion de algo de modo permanente, sistemático y prolongado, exige del pedagogo el refuerzo permanente (...)”. Em psicologia isso é chamado de “hábito”, ou seja, faz-se necessário adquirir hábitos de solidariedade o que fará inclinar a balança para comportamentos melhores e mais maduros.

Nesse contexto de acordo com Sabini (2002, p. 33/34), precisamos observar aspectos que contribuem para o desenvolvimento desse autocontrole.

O primeiro refere-se à faixa etária para o início das atividades. O método de autonomia plena só pode ser aplicado a partir dos 11 anos. Aos sete anos pode começar a ser introduzida alguma liberdade de decisões, porém, a criança ainda precisa do planejamento do professor para as atividades que exijam um nível mais elevado de raciocínio.

Durante a primeira infância, a criança permanece dominada pelo seu egocentrismo. Ela incorpora a realidade do seu ponto de vista, apresentando dificuldades para compreender as regras e também para obedecê-las. Não se dá conta dos seus erros e nem incorpora as justificativas apresentadas pelos adultos para as sanções. Gradativamente, a partir dos quatro anos, ela começa a interagir com os companheiros. Com isso surge a cooperação, que leva ao abandono do egocentrismo e ao respeito às regras estabelecidas. As atividades grupais ajudam no processo de socialização e colaboram com o aparecimento da reciprocidade e do respeito mútuo. O coroamento desse processo ocorre na adolescência.

O segundo aspecto refere-se ao método de ensino. Em escolas em que predomina o ensino verbal e a autoridade do professor é bastante acentuada, o desenvolvimento da autonomia será mais lento e difícil. O aluno somente alcançará algum êxito em atividades não relacionadas às tarefas escolares, tais como esportes, administração de material e atividades extracurriculares. Por sua vez, os métodos que se baseiam em pesquisas, atividades espontâneas e diálogos entre professor e aluno favorecem a autonomia intelectual que leva ao desenvolvimento da autonomia moral.

O terceiro aspecto é a busca do equilíbrio entre a autoridade do mestre e a liberdade dos alunos. Qualquer que seja a combinação, o fator principal é o respeito ao aluno.

Autoridade e autonomia são dois pólos complementares do processo pedagógico. O professor representa a sociedade e o aluno traz consigo sua liberdade e individualidade. Entretanto, a liberdade individual está condicionada pelas características da situação pedagógica, implicando a criação de normas de conduta. Nesse sentido, o mestre precisa saber combinar severidade e respeito com afetividade, planejamento com expressão da motivação para aprender, respeito à ordem com flexibilidade, a fim de aceitar as diferenças.

O controle sem ajuda pode provocar a insegurança. Por outro lado, a ajuda sem controle não estimula o progresso, nem leva à superação das dificuldades. Portanto, o equilíbrio entre os vários fatores faz com que a ação pedagógica seja eficaz, conduzindo cada um dos estudantes a se tornar um sujeito consciente, ativo e autônomo no processo de aprendizagem (SABINI, 2002, p. 33/34).

Entretanto, para que o aluno torne-se um sujeito ativo e autônomo não é mais possível que os valores sejam apenas proclamados, mas, precisam ser vividos por quem os propõe a trabalhar: o docente. Deve-se sim, preparar o aluno para viver em sociedade com todos os desafios perenes sendo ele olhado com os melhores valores para que possa integrar-se mais facilmente à sociedade, sendo, nesse caso, o professor, o modelo. Acredita-se na educação pela percepção, os alunos percebem o ambiente, o professor e os valores que esse possui, sendo esses valores o que formam a base da sociedade.

Nesses termos, mais uma vez a escola tem um desafio fundamental: incrementar a vinculação da ética com a educação, tornando essencial o desenvolvimento da personalidade e a educação plena em conhecimentos, aptidões e valores em todas as áreas da vida do aluno. Segundo Izquierdo (2001, p. 263):

Ambiente educacional escolar que promove um pensamento livre e crítico, que contribui para o desenvolvimento intelectual e social do aluno, converte-o em cidadão livre numa sociedade livre. O aluno precisa de uma formação mental que lhe permita interpretar a validade com critérios éticos e morais. Nesse sentido, a psicologia do desenvolvimento e a sociologia da educação deveriam ter efeitos mais profundos sobre a escola atual (IZQUIERDO, 2001, p. 263).

Falar da construção de valores humanos ainda é um tema difícil. Sabe-se que as preocupações mais atuais com esse enfoque são os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) que abordam a ênfase nessa construção dos valores atitudinais.

Porém, conceituá-los ainda é tarefa complexa, mas estão a seguir algumas definições pesquisadas. De acordo com a definição de Japiassu e Marcondes (1996, p. 268):

Do ponto de vista ético, os valores são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta. No entanto, a própria definição desses valores varia em diferentes doutrinas filosóficas. Para algumas concepções, é um valor tudo aquilo que traz a felicidade do homem. Mas, trata-se igualmente de uma noção difícil de se caracterizar e sujeita a divergências quanto à sua definição. Alguns filósofos consideram também que os valores se caracterizam por relação aos fins que se pretende obter, a partir dos quais algo se define como bom ou mau. Outros defendem a idéia de que algo é um valor em si mesmo. Discute-se assim se os valores podem ser definidos intrínseca ou extrinsecamente.

Silva (1986 – p. 20) considera os valores “como qualidades ou significações que denotam que os seres que fazem parte do complexo processo de nossa existência individual e social não nos são indiferentes (...)”, Werneck (1996, p. 3) esclarece que “por muito tempo a questão do valor confundiu-se com a moral. Valor foi entendido apenas como valor moral, sendo estudado pela ética, e o conhecimento do valor reduzido aos juízos de valor como que num processo de racionalização.”

Para Martinelli (1996, p. 14), “os valores se alicerçam em dois pontos: 1) um dotado da necessidade de uma motivação; 2) um objeto, uma pessoa, uma atitude, algo enfim capaz de satisfazer ou atender às exigências do sujeito”.

Para Joan Carles Mèliche, “el valor es un punto de referencia, el sentido que damos a aquello que realmente vale la pena (JAPIASSU E MARCONDES 1996 p. 268).

Para a construção de valores de forma sistemática, sendo o professor mediador nessa construção e sendo o aluno sujeito desse processo, não basta ouvir sobre valores, é preciso que os alunos experimentem e incorporem tais valores em seu cotidiano experimentando-os, pois, segundo Tillman (2002).

Não basta sentir, experimentar e pensar sobre valores. As habilidades sociais servem para capacitar o uso de valores ao longo do dia. Nossas crianças precisam ver o efeito de seus comportamentos e escolhas e ser capazes de tomar decisões socialmente conscientes (TILLMAN, 2002).

Ao mesmo tempo, é importante lembrar que a literatura infantil pode ser um valioso instrumento para a construção de valores humanos. De acordo com Cândido (2002, p.82).

(...) as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa – e – espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente (CÂNDIDO, 2002 p. 82).

O que está escrito nos contos de fadas e na literatura infanto-juvenil diz muito mais do que as palavras que estão no papel. Cabe ao professor fazer segundo o que propõe Chalita (2003, p. 13) *“ler essas histórias, atentar para os seus ensinamentos e explorá-los da melhor forma possível com as novas gerações é contribuir para a construção de um novo tempo, mais justo e fraterno”*.

A literatura, segundo Cândido (2002, p. 85), *“(...) não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, portanto faz viver”*.

Para garantir uma educação de qualidade é preciso ter como referencial o aperfeiçoamento da condição humana, sendo assim de especial relevância a construção de valores éticos, como o respeito à vida, solidariedade e cooperação. Segundo Paulo Freire (1982, p. 158):

Para ser válida a educação deve levar em conta o fato primordial do homem, ou seja, sua vocação ontológica, que é tornar-se sujeito, situado no tempo e no espaço, no sentido de que vive em sua época precisa, em um lugar preciso, em um contexto social e cultural precisos. O homem é um ser de raízes espaços-temporais e cabe-lhe a transformação.

Para que os estudantes possam assumir princípios éticos, são necessários pelo menos dois fatores, de acordo com Lodi (2003, p. 16):

- que os princípios se expressem em situações reais, nas quais os estudantes possam ter experiências e conviver com sua prática;
- que haja um desenvolvimento da sua capacidade de autonomia moral, isto é, da capacidade de analisar e eleger valores para si, conscientemente e livremente.

Ainda de acordo com a referida autora, outro aspecto importante a ser considerado nesse processo é o papel ativo dos sujeitos do aprendizado, estudantes e professores, que interpretam e conferem sentido aos conteúdos com que convivem na escola a partir de valores previamente construídos e de sentimentos e emoções. Tal premissa está de acordo com a visão de que os valores e princípios éticos são construídos a partir do diálogo, na interação estabelecida entre pessoas imbuídas de razão e emoções e um mundo constituído de pessoas, objetos e relações multiformes, díspares e conflitantes. Enfim, uma educação em valores deve partir de temáticas significativas do ponto de vista ético e propiciar condições para que os alunos e as alunas desenvolvam sua capacidade dialógica, tomem consciência de seus sentimentos e emoções e desenvolvam a capacidade autônoma de tomar decisões em situações conflitantes do ponto de vista ético/moral.

A autora prossegue afirmando que:

A melhor forma de ensiná-los é, portanto, fazer com que sejam alvos de reflexões e de vivências. Mais do que discursos, são as práticas, o exemplo, a convivência e a reflexão sobre eles em situações reais que farão com que os alunos e as alunas desenvolvam atitudes coerentes com os valores que queremos que aprendam.

Por isso, o convívio escolar é um elemento-chave na formação ética dos estudantes e, ao mesmo tempo, é o instrumento mais poderoso que a escola tem para cumprir sua tarefa nesse aspecto.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.71), a educação em valores objetiva o exercício da cidadania, sendo imperativa a remissão à referência nacional brasileira: a Constituição da República Federativa do Brasil,

promulgada em 1988. Nela encontram-se elementos que identificam questões morais.

O art. 1 traz, entre outros, como fundamentos da República Federativa do Brasil a dignidade da pessoa humana e o pluralismo político. A idéia segundo a qual todo ser humano, sem distinção, merece tratamento digno corresponde a um valor moral. Segundo esse valor, a pergunta de como agir perante os outros recebe uma resposta precisa: agir sempre de modo a respeitar a dignidade, sem humilhações ou discriminações em relação a sexo ou etnia. O pluralismo político pressupõe um valor moral: os seres humanos têm direito de ter opiniões, de expressá-las, de organizar-se em torno delas. No art.5, vê-se que é um princípio constitucional o repúdio ao racismo, repúdio esse coerente com o valor dignidade humana, que limita ações e discursos, que limita a liberdade às suas expressões e, justamente, garante a referida dignidade.

Outros trechos da Constituição remetem a questões morais. No art. 3, lê-se que constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil (entre outros):

I) construir uma sociedade livre, justa e solidária; (...); III) erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV) promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Não é difícil identificar valores morais em tais objetivos, que falam de justiça, igualdade, solidariedade, e sua coerência com os outros fundamentos apontados. No título 11, art. 5, mais itens esclarecem as bases morais escolhidas pela sociedade brasileira:

I) homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações; (...) III) ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante; (...) VI) é inviolável a liberdade de consciência e de crença (...); X) são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas (...).

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9.394, de 20/12/96), em seu título II, artigo 2º, afirma que:

a educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O desafio de promover uma educação em valores consiste em:

desenvolver um trabalho pedagógico que auxilie o educando a tomar consciência da presença dos valores em seu comportamento e em sua relação com os outros, participando do processo de construção e problematização desses valores, num movimento de afirmação de autonomia (PCNs, 1998).

Em vez de impor valores, trata-se de afirmá-los, de torná-los visíveis e de tornar compreensível o seu significado, na vida de todos e na participação de cada um no contexto social.

Com o objetivo de contemplar essas questões éticas e compor uma aprendizagem de convivência democrática, foram selecionados os valores respeito mútuo, justiça e solidariedade para serem trabalhados a partir da literatura infantil. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.96):

O respeito se traduz pela valorização de cada indivíduo em sua singularidade, nas características que o constituem. Traz guardada, em sua significação, as idéias de individualidade e de alteridade: na tomada de consciência que cada um faz de si própria revela-se a presença do outro como constituinte de sua existência social.

Ainda de acordo com os PCNs, o respeito ganha seu significado mais amplo, quando se realiza como respeito mútuo ao dever de respeitar o outro, articula-se o direito, a exigência de ser respeitado.

O princípio de que todas as pessoas merecem respeito, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião, assim como as manifestações socioculturais dos diferentes grupos sociais

que constituem a sociedade, fundamenta a afirmação do respeito mútuo (PCNs, 1998).

O convívio com respeito na escola é a melhor experiência que pode ser oferecida ao aluno. É vivendo experiências de respeito e refletindo sobre o respeito nas diferentes áreas do conhecimento que se aprende a respeitar e a exigir respeito. Os Parâmetros Curriculares Nacionais lembram ainda que:

Existem situações de preconceito, como aquelas em que se estigmatizam aqueles cuja aparência não corresponde a um “modelo” ocasionalmente valorizado, assim como discriminações relacionadas a religiões, etnia, sexo etc. É necessário procurar impedir que essas atitudes se instalem e tematizá-las em sala de aula, a fim de que se analisem os porquês das discriminações e dos preconceitos que geram atitudes de desrespeito, caminhando para o rompimento das crenças que se perpetuam no tempo, demonstrando a total impossibilidade de se deduzir que alguma etnia é melhor do que outra, que determinada cultura é a única válida, que um sexo é superior ao outro, que atributos físicos determinam personalidades e assim por diante. A atitude de indignação é a resposta que se espera das pessoas quando for constatado que elas mesmas ou outras pessoas estão sendo desrespeitadas na vida cotidiana (PCNs, 1998).

O conceito de justiça, por sua vez, apresenta duas dimensões: uma legal e outra ética. Porém, as duas são importantes e devem ser trabalhadas numa educação voltada para a formação de valores. A dimensão legal trata das leis. Segundo os PCNs, muitos por não conhecerem certas leis, não percebem que são alvos de injustiças. Não conhecem seus direitos, se os conhecessem, teriam melhores condições de lutar para que fossem respeitados. Já a dimensão ética é insubstituível para avaliar de forma crítica as leis, para perceber, como, por exemplo, privilegiam alguns em detrimento de outros.

Os PCNs defendem ainda que uma sociedade democrática tenha como principal objetivo ser justa, inspirada nos ideais de igualdade e equidade. Tarefa difícil, que pede a todos, governantes e governados, muito discernimento e muita sensibilidade.

Ainda de acordo com os PCNs, a escola pode contribuir muito para que os alunos desenvolvam a capacidade de se pautarem pelo princípio da justiça de modo autônomo, se tomá-lo, ela própria, como orientador de suas práticas. Estar atento às situações de injustiça, avaliar as práticas escolares segundo esse princípio, promover as transformações necessárias para corrigi-las é o que melhor se pode oferecer à formação ética dos alunos e ao desenvolvimento pessoal e profissional dos educadores. De acordo com os PCNs (1998, p.104):

O respeito mútuo tem sua significação ampliada no conceito de solidariedade. Talvez se possa mesmo dizer que os gestos de solidariedade são, concretamente, expressão de respeito dos indivíduos uns pelos outros. Ser solidário é, efetivamente, além do respeito, partilhar de um sentimento de interdependência, reconhecer e a pertinência a uma comunidade de interesse e afetos – tomar para si questões comuns, responsabiliza-se pessoal e coletivamente por elas (PCNs 1998, p.104).

Assim, o objetivo de se trabalhar esse valor em sala de aula é aproximar as idéias de solidariedade e de doação, de ajuda desinteressada. É necessário considerar, também, as diversas formas de ser solidário.

Não de é solidário apenas ajudando pessoas próximas ou engajando-se em campanhas de socorro de pessoas necessitadas, como, por exemplo, depois de um terremoto ou enchente. Essas formas são genuína tradução da solidariedade humana, mas há outras. Uma delas, que vale sublinhar aqui, diretamente relacionada com o exercício da cidadania, é a da participação no espaço público, na vida política. O exercício da cidadania não se traduz apenas pela defesa dos próprios interesses e direitos, embora tal defesa seja legítima. Passa necessariamente pela solidariedade, por exemplo, pela atuação contra injustiça ou injúrias que outros estejam sofrendo (PCNs, 1998, p. 104).

Ressalta ainda:

A solidariedade que se busca que o aluno aprenda deve aproximar-se da idéia de generosidade, que não é caridade, atitude paternalista, mas compromisso e cidadania, caracterizando-se como oposição à qualquer forma de corporativismo que se coloque acima da busca da justiça, ou que desconheça o bem comum e como a possibilidade de um sofrimento de altruísmo: uma atitude de solidariedade com aqueles que necessitam ajuda, seja nas relações cotidianas e interpessoais, seja pensando-se como parte da humanidade e, portanto, co-responsável pela solução dos problemas que afetam a todos (PCNs, 1998, p.106).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais declaram que o papel do professor é o de estimular para que sejam resgatadas atitudes que valorizem a prática da solidariedade na sala de aula, incentivando a partilha para que os alunos sintam que podem e necessitam ajudar e ser ajudados.

É importante que o aluno perceba que pode ser solidário tanto ao ajudar um amigo doente, que necessita momentaneamente de auxílio, como ao lutar por um ideal coletivo da sociedade. Ele precisa ter conhecimento das questões sociais mais urgentes, sensibilizar-se com elas, refletindo sobre os valores presentes nas sociedades e sobre os princípios que devem ser assumidos por todos para a agir solidariamente.

No que diz respeito a importância da literatura infantil para formação de valores, Bettelheim (1980) afirma que *“através das histórias pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade”*. Segundo este autor:

Exatamente porque a vida é freqüentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para ser bem sucedida neste aspecto, a criança deve receber ajuda para que possa dar algum sentido coerente ao seu turbilhão de sentimento. Necessita de idéias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida. Necessita – e isto mal requer ênfase neste momento de nossa história – de uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-a às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto, e portanto significativo (BETTELHEIM, 1980, p. 13)

De acordo com Bettelheim (1980), através dos séculos, durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram se tornando cada vez mais refinados, passaram a transmitir ao mesmo tempo significados explícitos e implícitos.

Aplicando o modelo psicanalístico da personagem humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais. Particularmente os

que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconsciente. À medida em que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego (BETTELHEIM, 1980, p. 14).

Ainda citando as palavras desse mesmo autor, ouvir e ler histórias são extremamente importantes, pois:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1980, p. 20).

De acordo com os PCNs vale ressaltar no capítulo II:

#### EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DE EDUCAÇÃO MORAL

Para situar a presente proposta, é preciso começar por comentar algumas experiências – aqui classificadas por tendências – de formação moral que já foram tentadas, no Brasil e no Exterior, buscando-se nelas os elementos positivos e as limitações, de forma a tornar possível uma discussão mais abrangente sobre quais elementos devem ser consideradas na formação moral e quais as possibilidades didáticas de tratamento dessas questões na escola.

##### **Tendência filosófica**

Essa tendência manifesta-se na apresentação dos vários sistemas éticos produzidos historicamente pela Filosofia (as idéias dos antigos filósofos gregos, por exemplo, ou aquelas do século XVII, dito da Ilustração). Não se procura fazer uma discussão sobre o que é o Bem e o Mal, mas promover o conhecimento das várias opções de pensamento ético, para que os alunos os conheça, e reflitam sobre eles. E, se for o caso, que escolham o seu.

##### **Tendência cognitivista**

De maneira semelhante à tendência filosófica, esta tendência dá importância ao raciocínio e à reflexão sobre questões morais, e não à apresentação de um elenco de valores a serem “aprendidos” pelos alunos. Difere, entretanto, com relação ao conteúdo. Enquanto na primeira os alunos são convidados a pensar sobre os escritos de grandes autores dedicados ao tema, na segunda apresentam-se dilemas morais a serem discutidos em grupos. Um exemplo, já comentado anteriormente: pede-se aos alunos que discutam sobre a correção moral do gesto de um marido que, por não ter dinheiro suficiente, rouba um remédio para salvar sua mulher, que sofre de câncer, pois o farmacêutico, além de cobrar um preço muito alto, não quer de forma alguma facilitar as formas de pagamento. Verifica-se que tal dilema opõe dois valores: o respeito à lei ou à propriedade privada e à vida. A ênfase do trabalho é dada na demonstração

do porquê uma ou outra opção é boa, e não na opção em si. Alguém poderá dizer que não se deve roubar porque senão vai para a cadeia; outro poderá argumentar que as leis devem sempre ser seguidas, independentemente de haver ou não sanções. No primeiro caso, trata-se de medo da punição; no segundo, de um espírito “legalista”. Ainda que a opção final seja a mesma – não roubar –, o raciocínio é totalmente diferente. E é justamente esse raciocínio que a tendência cognitiva quer trabalhar e desenvolver, do ponto de vista metodológico.

A virtude das tendências filosóficas e cognitivista é sublinhar o papel decisivo da racionalidade. Seu defeito é justamente limitar-se ao objeto eleito. Conhecer a filosofia é edificante, raciocinar sobre dilemas é atividade inteligente. Mas não é suficiente para tornar desejáveis as regras aprendidas e pensadas. Nem sempre excelentes argumentos racionais fazem vibrar a corda da sensibilidade efetiva.

### **Tendência afetivista**

Trata-se de procurar fazer os alunos encontrarem seu equilíbrio pessoal e suas possibilidades de crescimento intelectual por meio de técnicas psicológicas. Procura-se fazer com que cada um tome consciência de suas orientações afetivas concretas, na esperança de que, de bem consigo mesmo, possam conviver de forma harmoniosa com seus semelhantes. Ao invés de se discutirem dilemas abstratos, como na proposta cognitivista, as reações afetivas de cada um nas situações relatadas.

O objetivo é sensibilizar de alguma forma para as questões morais. A tendência afetivista faz isso e acerta ao levar em conta os sentimentos dos alunos, uma vez que as regras devem ser desejáveis para serem legitimadas, e isso leva ao campo afetivo. Porém, tal tendência apresenta três problemas. Um deles é, ao priorizar o trabalho com a afetividade, corre-se o risco de chegar a uma moral relativista: cada um tem seus próprios valores. Esse individualismo é incompatível com a vida em sociedade. Deve-se, é evidente, respeitar as diversas individualidades, mas, em contrapartida, cada individualidade deve conviver com outras; portanto, devem haver regras comuns. O segundo problema diz respeito ao trabalho de sensibilização em si: é essencialmente trabalho – delicado – de psicólogo; pede formação específica que não é a do educador em geral. Terceiro problema: pode levar a invasões da intimidade, os alunos sendo levados a falar de si em público, sem as devidas garantias de sigilo.

### **Tendência moralista**

A grande diferença entre esta tendência e as anteriores é que ela tem um objetivo claramente normatizador: ensinar valores e levar os alunos a atitudes consideradas corretas de antemão. Enquanto as propostas anteriores de certa forma esperam que os alunos cheguem a legitimar valores não claramente colocados pelos educadores, a tendência moralista evidencia tais valores e os impõe. Trata-se, portanto, de uma espécie de doutrinação. No Brasil, a proposta de Educação Moral e Cívica seguiu esse modelo.

A tendência moralista tem a vantagem de ser explícita: os alunos ficam sabendo muito bem quais valores os educadores querem que sejam legitimados. Sabem o que se espera deles. Porém, dois graves problemas aparecem. Um de nível ético: o espírito doutrinador dessa forma de se trabalhar. A autonomia dos alunos e suas possibilidades de pensar ficam descartadas, pois a moralidade tende a ser apresentada como conjunto de regras acabadas. Trata-se de um método autoritário, fato que, aliás, explica

as referências negativas que se fazem às antigas aulas de Moral e Cívica, e que, por bastante tempo, desencorajou a educação moral nas escolas. Outro grave problema, consequência desse autoritarismo, é de nível pedagógico: o método não surte efeito, pois ouvir discursos, por mais belos que sejam, não basta para se convencer de que são válidos. A reflexão e a experiência são essenciais. O que acaba acontecendo frequentemente com os métodos moralistas é que afastam os alunos dos valores a serem aprendidos. As aulas tornam-se maçantes, não sensibilizam os alunos, não os convencem e podem desenvolver uma espécie de aversão pelos valores morais. O verbalismo desse método não dá resultado, assim, como não dá resultado em disciplina alguma: os alunos ouvem, repetem e esquecem. O único aspecto desse método a ser resguardado é a explicação dos valores. O educador não deve “fazer de conta” que não tem valores, escondê-los. Deve torná-los claros, transparente. Mas, para isso, não é necessário elaborar belos discursos.

### **Tendência democrática**

Uma última tendência a ser destacada é a da escola democrática, que, contrariamente às anteriores, não pressupõe espaço de aula reservado aos temas morais. Trata-se de democratizar as relações entre os membros da escola, cada um podendo participar da elaboração das regras, das discussões e das tomadas de decisão a respeito de problemas concretamente ocorridos na instituição (PCNs, 1998).

A virtude da escola democrática está em focalizar a qualidade das relações entre os agentes da instituição. De fato, as relações sociais efetivamente vividas, experienciadas, são os melhores e mais poderosos “mestres” em questão de moralidade. Para que servem, por exemplo, belos discursos sobre o Bem, se as relações internas à escola são desrespeitosas? De que adianta raciocinar sobre a paz, se as relações vividas são violentas? Assim, o cuidado com a qualidade das relações interpessoais na escola é fundamental. Pesquisas psicológicas levam a essa conclusão. E mais ainda: relações de cooperação, de diálogo, levam à autonomia, ou seja, à capacidade de pensar, sem a coerção de alguma “autoridade” inquestionável. Relações de cooperação são relações entre iguais, baseadas e reforçadoras do respeito mútuo, condição necessária ao convívio democrático. A democracia é um modo de convivência humana e os alunos devem encontrar na escola a possibilidade de vivenciá-la. Daí a importância de se promoverem, no seu interior, experiências de cooperação.

O recurso à história é importante para o conhecimento das propostas que têm sido desenvolvidas, mas não é suficiente para justificar a necessidade de formação moral na escola. Esta se impõe em função da própria

finalidade da instituição escolar. Acrescente-se ainda que, se os valores morais que subjazem aos ideais da Constituição brasileira não forem intimamente legitimados – conhecidos, plenamente aceitos e considerados válidos e necessários – pelos indivíduos que compõem este país, será seriamente prejudicado, para não dizer impossível, o próprio exercício da cidadania. É tarefa de toda sociedade fazer com que esses valores vivam e se desenvolvam. E, portanto, também tarefa fundamental da escola. Se os educadores não ficarem atentos a esse fato, se não tiverem clareza das implicações dessas questões no cotidiano, como intervir buscando legitimar regras de convívio que auxiliem a construção de uma sociedade mais justa? O desafio dos professores é tomar posse de conhecimento que possam ajudar a encaminhar, articuladas ao trabalho nas diferentes áreas de conhecimento, reflexões sobre os princípios que fundamentam os valores, objetivando a construção da cidadania no espaço escolar. O conhecimento requerido para a realização do trabalho didático na perspectiva da ética não se esgota na compreensão dos princípios éticos fundamentais ou das doutrinas morais, discutidos no âmbito da filosofia. É importante também o recurso às ciências do comportamento, que, ao explicar o desenvolvimento da moralidade na criança e no adolescente, permitem verificar como se dá o processo de legitimação de valores e regras morais, na articulação de uma vivência pessoal e singular com a experiência mais ampla da socialização (PCNs, 1998, p. 64 a 67).

Bettelheim (1980), também alerta para a importância de escolher histórias que realmente prendam a atenção da criança e despertem sua curiosidade. Segundo ele, para enriquecer a vida da criança, as histórias devem estimular a imaginação para ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções.

Isto só ocorrerá se a história estiver harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve-se uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 1980, p. 20).

Explorar o universo da literatura infantil para formar valores éticos é também, educar para a cidadania, que segundo Machado (1997, p. 106) “*significa prover os indivíduos de instrumentos para a plena realização desta participação motivada e competente, desta simbiose entre interesses pessoais e sociais, desta disposição para sentir em si as dores do mundo*”.

Trata-se de formar e instruir pessoas para sua capacitação à participação motivada e competente na vida política e pública da sociedade. Araújo (2002, p. 33) relata que *“ao mesmo tempo, essa formação deve visar o desenvolvimento de competências para lidar e garantir a possibilidade e a capacidade de indignação com as injustiças cotidianas”*.

A educação para a cidadania e para a vida em uma sociedade democrática, segundo Araújo (2002), *“deve procurar desenvolver um trabalho para a construção de personalidades morais, de cidadãos e cidadãs autônomos que buscam de maneira consciente e virtuosa a felicidade e o bem pessoal e coletivo”*.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), apontam a escola como espaço ideal para desenvolver esse trabalho:

Cabe a escola, espaço fundamental de convivência, afirmar valores que estão de acordo com esses princípios. É preciso o desejo da participação, que valoriza a ação e amplia a co-responsabilidade, fazendo com que se compartilhem os destinos da vida coletiva da instituição. Se o aluno precisa ser participante e ativo na construção de sua aprendizagem, o professor precisa trilhar esse caminho junto com ele, efetivando sua própria participação no espaço escolar (PCNs, 1998).

Promover a formação de valores também está de acordo com dois pilares da educação (Delors, 1998), aprender a viver juntos e aprender a ser.

Aprender a viver juntos é desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, realizar projetos comuns, nos valores do pluralismo e da compreensão mútua de paz. Para que todos possam aprender a viver juntos, e aprender a viver com os outros, tem a educação um papel importantíssimo, e um grande desafio: a história humana sempre foi escrita pelos conflitos raciais e até mesmo de religiosos. Cabe a educação trabalhar para a mudança deste quadro desde a simples idéia de ensinar a não violência, o não preconceito etc. Porém deve utilizar duas vias complementares, primeiro a descoberta progressiva do outro, segundo ao longo de toda a vida a participação em projetos comuns que parece um método eficaz para evitar ou melhorar conflitos latentes (DELORS, 1998. p. 101).

O autor ainda destaca que é “(...) *missão da educação, transmitir conhecimentos sobre a diversidade humana, bem como mostrar e levar as pessoas a conscientizar sobre as interdependências entre todos os seres humanos do planeta*”.

Quanto ao pilar aprender a ser “*é desenvolver sua personalidade, maior capacidade, responsabilidade pessoal*”.

Isso significa que:

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todos os seres humanos devem ser preparados pela educação que recebe, para agir nas diferentes circunstâncias da vida. Para isso cada um deverá Ter pensamentos autônomos e críticos, ou seja personalidade própria.

O desenvolvimento tem pôr objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: Indivíduo, membro de uma família e de coletividade, cidadão e produtos, inventos de técnicas e criador de sonhos (DELORS, 1998, p. 101).

Refletir sobre a formação de valores é urgente e muito importante para os educadores em geral. Segundo Antunes (2001, p. 32-33):

Não para se escorar na ingênua pretensão de que com a mesma a violência será reduzida e a vida urbana poderá ser, então, mais tolerável, mas para se incluir entre os saberes trabalhados, partilhados e construídos com os alunos, os que envolvem suas alegrias e suas paixões, seus anseios e seus medos, sua tristeza e sua felicidade (ANTUNES, 2001, p. 32-33)

Foi com o apoio desses referenciais teóricos que os objetivos deste trabalho de conclusão de curso foram definidos e o caminho trilhado no estudo foi traçado.

## **2 - OBJETIVOS DO ESTUDO**

### **2.1 - Objetivo Geral**

Investigar a contribuição da literatura infantil para a formação dos valores humanos como justiça, respeito, solidariedade, amizade e cooperação, imprescindíveis para o convívio numa sociedade democrática e pluralista.

### **2.2 - Objetivos Específicos**

- Identificar na literatura infantil, fábulas, contos de fadas, lendas, contos populares e histórias mais comumente trabalhadas em sala de aula.
- Selecionar histórias que explorem valores humanos imprescindíveis para a convivência em sociedade (amizade, respeito, solidariedade, justiça) identificando cada um desses valores.
- Escolher algumas histórias para serem trabalhadas em sala de aula como objeto de investigação.
- Observar o comportamento e as atitudes dos alunos durante quatro semanas da realização do projeto.
- Avaliar a contribuição da literatura infantil a partir das proposições nos objetivos, da visão dos teóricos e da vivência em sala de aula.

### 3 - ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Esse trabalho sobre a contribuição da literatura infantil na formação de valores humanos, foi desenvolvido de fevereiro a junho do presente ano, por professoras cursistas responsáveis pela elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Projeto Professor Nota 10.

Este trabalho iniciou-se com a elaboração do projeto de estudo. Para isso, foi realizada uma pesquisa teórica ou bibliográfica. Além dessa modalidade de pesquisa foi utilizado o relato de experiência, recorrendo principalmente às técnicas da observação direta e da entrevista. Assim, a pesquisa é de caráter qualitativo, que dá ênfase à descrição dos fatos. Segundo Ludke e André (1986 p. 13):

A pesquisa qualitativa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

A pesquisa teórica ou bibliográfica é aquela *“dedicada a reconstruir teoria, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”* (Demo, 2000, p. 20). Para Lakatos e Marconi (1991, p. 183):

A finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou formado sobre determinado assunto, inclusive conferências, seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicada, quer gravada.

Com relação a esse tipo de pesquisa Gil (2002, p. 63) afirma: *“Um levantamento bibliográfico é de fundamental importância para formulação do problema de pesquisa”*. Ainda complementa esclarecendo que: *“A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”*.

Ainda em relação à pesquisa bibliográfica, Gil (2002, p. 85) encerra o tópico sobre como delinear este tipo de pesquisa lembrando que *“a última etapa de uma pesquisa bibliográfica é constituída pela redação do relatório”*. Isso significa que a pesquisa bibliográfica perpassa todo um projeto de pesquisa, desde a definição do problema, passando pela revisão da literatura, até a redação do relatório, no qual constarão os resultados da pesquisa realizada.

A modalidade de pesquisa a ser apresentada foi o relato de experiências que se trata de *“estudos ou pesquisas realizadas em literatura especializada decorrentes de observação e análises de situações, hipóteses, dados e outros aspectos contemplados pela prática e pela teoria estudada”* (UniCEUB, *Guia de Estudos 3*, 2004, p. 15).

O objetivo dessa pesquisa foi investigar a contribuição da literatura infantil na formação de valores humanos. Assim, o primeiro passo foi a seleção de alguns valores realmente imprescindíveis para a convivência numa sociedade democrática, marcada pela diversidade. Essa etapa foi fundamental. Em razão do pouco tempo disponível para a realização do projeto, foi necessário delimitar a quantidade de valores que foram trabalhados.

Em seguida, foi realizado um levantamento do acervo bibliográfico disponível na literatura infantil, analisando o enredo de cada história, conto ou lenda com a finalidade de identificar a possibilidade de explorar os valores humanos contidos em cada um deles.

A próxima etapa do trabalho, foi a seleção das histórias que enfatizam os valores humanos escolhidos para a realização desse projeto e a organização de um planejamento contendo as atividades que foram desenvolvidas em sala de aula, a partir de cada história selecionada.

De posse desse material, as histórias escolhidas foram trabalhadas em duas turmas de 2ª série do Ensino Fundamental, sendo respectivamente uma na Escola Classe Aprodarmas, localizada na zona rural de Planaltina – DF, e a outra turma no Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, localizado no bairro Nossa Senhora de Fátima, também na cidade de Planaltina – DF.

Durante o desenvolvimento de todo o projeto, os alunos foram observados e professores foram entrevistados Segundo Ludke e André (1986 p. 26):

A observação como a entrevista ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional, possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado. O observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. Permite ainda que se chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos, um importante alvo nas abordagens qualitativas.

Nesse processo, suas atitudes e comportamentos foram analisados para que, ao término do mesmo, os resultados obtidos pudessem ser avaliados de forma crítica à luz das teorias que deram suporte a essa pesquisa, e pudesse ser evidenciada ou não a contribuição da literatura infantil para a formação ou assimilação de valores humanos e sua importância para construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Ainda a fim de uma melhor compreensão da temática, foi realizada uma entrevista com professores no decorrer do processo, para saber o que pensam a respeito da literatura infantil na vida escolar das crianças.

## 4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 - Histórias mais comumentes trabalhadas em sala de aula:

Pesquisas realizadas entre professores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental na Escola Classe Aprodarmas e no Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, mostraram que as histórias mais comumentes contadas em sala de aula são:

Contos de fadas	{ Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve, Rapunzel, A Bela Adormecida, João e Maria.
Fábulas	{ A Galinha Ruiva, A Tartaruga e a Lebre, O Leão e o Ratinho, A Cigarra e a Formiga.
Lendas	{ O Negrinho do Pastoreio, A Lenda da Mandioca, A Vitória-régia, A Lenda do Milho.
Outros	{ Menina Bonita do Laço de Fita (Ana M. Machado), A Casa Sonolenta, Maria-Vai-Com-As-Outras, O Macaco e a Boneca de Cera (Ruth Rocha),

Foi também perguntado aos professores como era feita a escolha dessas histórias e como eram trabalhadas em sala de aula.

A maioria dos professores não soube explicar como eles selecionam as histórias a serem contadas para seus alunos. Alguns disseram que a história era boa ou a ilustração bonita. Poucos demonstraram gostar das histórias e quase todos afirmaram não ter o hábito de ler.

Quando questionado sobre o trabalho realizado com essas histórias, ficou claro que normalmente não era realizado trabalho algum. Contavam-se histórias para preencher o tempo no final da aula. Professores de Educação Infantil e alfabetização afirmaram promover “rodinha” para contar histórias e algumas vezes, eram solicitadas ilustrações ou dramatizações das mesmas. Já os professores de 3ª e 4ª série disseram que tinham muito conteúdo para trabalhar e não sobrava tempo ou oportunidade para explorar melhor as poucas histórias contadas aos alunos.

Durante as entrevistas, raras vezes os professores declararam se atentar para os valores contidos nas histórias contadas aos alunos e quando isso ocorre é apenas no caso das fábulas, nas quais os valores contidos são claros na “moral da história”.

#### **4.2- Histórias que exploram valores humanos:**

Era uma vez... um velho, um saci, um príncipe, um sapo, uma bruxa, um gigante. Eles eram pobres, maus bonitos, assustadores, corajosos...

Muitos dos sonhos infantis são povoados por esses e tantos outros seres que habitam os livros infantis e que introduzem as crianças na dualidade do bem e do mal, nos mistérios da morte, nos sentimentos de ciúmes, inveja, ambição e na magia do amor invencível, do sonho realizado, da justiça triunfante.

VALOR	HISTÓRIAS
<b>RESPEITO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A primavera da lagarta (Ruth Rocha)</li> <li>- Bom dia, todas as cores (Ruth Rocha)</li> <li>- Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)</li> <li>- Era uma vez duas avós (Naumim Aizen)</li> <li>- O soldadinho de chumbo (Andersen)</li> <li>- Os músicos de Bremen (Grimm)</li> <li>- Pequeno polegar (Grimm)</li> <li>- A moura torta (Monteiro Lobato)</li> <li>- O nariz de légua e meia (Grimm)</li> <li>- Bisa Bia, bisa Bel (Ana Maria Machado)</li> <li>- A bela e a fera</li> </ul>
<b>SOLIDARIEDADE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A formiga e a neve (João de Barro)</li> <li>- Guilherme Augusto Araujo Fernandes (Mem Fosc)</li> <li>- A menina dos fósforos (Andersen)</li> <li>- Negrinho do pastoreio (Monteiro Lobato)</li> <li>- Os dois irmãos (Jakob e Wilhelm Grimm)</li> <li>- O gigante egoísta</li> <li>- A cigarra e a formiga (Pedro Bandeira)</li> <li>- A formiga e a pomba (Pedro Bandeira)</li> <li>- A galinha ruiva (Pedro Bandeira)</li> <li>- O leão e o ratinho (Pedro Bandeira)</li> <li>- A madrasta (Monteiro Lobato)</li> <li>- Pele de urso (Grimm)</li> <li>- O Natal de Manuel (Ana Maria Machado)</li> <li>- Uns pelos outros (Ryh Rocha)</li> <li>- Biruta</li> </ul>

<b>JUSTIÇA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A maquina maluca (Ruth Rocha)</li> <li>- O barbeiro e o coronel (Ana Maria Machado)</li> <li>- Maria-vai-com-as-outras</li> <li>- Rubens o semeador (Ruth Rocha)</li> <li>- Marília bela (Ruth Rocha)</li> <li>- Leila menina (Ruth Rocha)</li> <li>- O menino que espiava pra dentro (Ana Maria Machado)</li> <li>- A menina que vivia perdendo (Ana Maria Machado)</li> <li>- O Natal de Manuel (Ana Maria Machado)</li> <li>- A história de José (Sonia Robatto)</li> <li>- Era uma vez um tirano (Ana Maria Machado)</li> <li>- Marcelo, marmelo, martelo (Ruth Rocha)</li> <li>- Admirável mundo louco (Ruth Rocha)</li> <li>- A menina que aprendeu a voar (Ruth Rocha)</li> <li>- Dois idiotas sentados cada qual no seu barril (Ruth Rocha)</li> </ul>
----------------	---

Repletas de valores implícitos e explícitos, as histórias infantis constituem um material riquíssimo para os educadores preocupados com a formação plena de seus alunos.

#### **4.3 - Histórias selecionadas para servirem como objeto de investigação:**

Atualmente, os valores que deveriam nortear a vida em sociedade parecem cada vez mais esquecidos. Vive-se um tempo em que a aparência vale mais do que a essência e o individualismo e a competição ditam as regras dos relacionamentos, minando qualquer possibilidade de companheirismo, amizade e amor.

Para a realização dessa pesquisa foram escolhidos como eixos do trabalho o respeito, a solidariedade e a justiça por serem valores referenciados no princípio da dignidade do ser humano, um dos fundamentos da Constituição brasileira.

Assim, foram selecionadas histórias que contemplam esses três valores e que possibilitaram aos alunos:

- compreender o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar-se pela necessidade da construção de uma sociedade justa;
- adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade democrática e pluralista;
- adotar, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças e discriminações;
- valorizar e empregar o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões;
- assumir posições segundo seu próprio juízo de valor, considerando diferentes pontos de vista e aspectos de cada situação.

As histórias selecionadas foram:

Menina bonita do laço de fita.

A primavera da lagarta.

O pequeno polegar.

A bela e a fera.

O patinho feio.



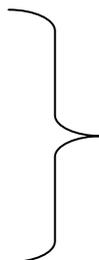
**RESPEITO**

A formiguinha e a neve.

A cigarra e a formiga.

O gigante egoísta.

O Grande Rabanete



**SOLIDARIEDADE**

O barbeiro e o coronel.  
 Maria-vai-com-as-outras  
 Dois idiotas sentados cada qual no seu barril.  
 Era uma vez um tirano.

**JUSTIÇA**



Cabe aos educadores conscientizarem-se de seu papel em amparar, reerguer e reavivar sentimentos e atitudes que possibilitem a formação desses valores humanos tão imprescindíveis à convivência numa sociedade democrática e em constante mudança, renovando a confiança em dias melhores.

#### **4.4 – Influência da Literatura Infantil no comportamento e na atitude dos alunos**

Será apresentado a seguir relatos da experiência do trabalho com valores humanos tendo como ponto de partida histórias infantis. Foi montado um cronograma de forma que duas vezes por semana (2ª e 4ª feira) seria contada uma história entre as já selecionadas, para explorar valores como respeito, solidariedade e justiça.

Os alunos eram dispostos em círculo e a história era lida ou contada pelas professoras/pesquisadoras. Em seguida era aberta uma discussão quando os valores eram debatidos e as professoras lançavam exemplos práticos do dia-a-dia, esses valores poderiam ser aplicados e questionavam aos alunos quanto a atitude e comportamento mais adequado nessa situação hipotética.

Exemplificando: Certa vez, foi lida a história “Maria–vai-com-as-outras”. Em seguida os alunos debateram o que é ser Maria-vai-com-as-outras. Depois as professoras lançaram as situações para serem julgadas pelos alunos.

a) Certa vez João entrou com o coleguinha num mercado. O coleguinha passou, viu um pacote de balas aberto, pegou uma e disse: “pega também, João. Não fomos nós que abrimos o pacote mesmo.” O que João deve fazer?

b) Uma turma de crianças resolve matar aula para ir tomar banho na cachoeirinha e chamaram a Carla. O que ela deve fazer?

Os alunos além de participarem ativamente da discussão, passaram a contar situações vividas por eles. Alguns contaram que já tinham sido convidados a participar de pequenos furtos, outros, a entrar em brigas e alguns disseram já ter sido convidados a experimentar cigarro ou bebidas alcoólicas.

Após esse debate, outras atividades eram propostas: dramatização, produção de textos, paródias, acrósticos, cartazes, murais etc.

No tocante ao debate que era realizado após a história contada, o diálogo foi se aprimorando a cada dia. Às vezes acontecia de um aluno falar junto com o outro, mas aos poucos foram aprendendo a ouvir os outros. Percebeu-se que eles começaram a entender o sentido do diálogo e do respeito pelas opiniões alheias.

As professoras observaram que no início do projeto tinham um grupo de alunos que não conseguia dialogar, não falavam de seus problemas, não estavam atentos ao que acontecia em sua volta. Hoje, as atitudes mudaram bastante. Os alunos refletem sobre seus problemas, buscam soluções através do diálogo, lutam por seus direitos e param para ouvir os colegas.

O comportamento dos alunos durante o recreio melhorou consideravelmente. Antes, havia muita violência, xingamentos e fofocas.

Veja o depoimento de um aluno e uma aluna de uma das turmas:

*“Antes, os meninos brigavam muito e jogavam água nos outros. Agora não tem mais, porque todo mundo se respeita”* (Paloma, 8 anos).

*“Aqui todo mundo botava apelido e zoava de quem era preto ou feio. Agora todo mundo é igual”* (Lucas, 10 anos).

Outro resultado positivo na realização desse trabalho foi quanto ao relacionamento entre as crianças, que melhorou consideravelmente. Percebe-se que agora elas estão atentas a tudo que acontece e sempre que alguém tem uma atitude que desagrada o grupo, é rapidamente questionado pelos colegas. A agressividade diminuiu, os apelidos pejorativos sumiram e o preconceito está sendo combatido.

Os pais também notaram mudanças significativas no comportamento dos seus filhos. Em uma reunião a mãe do aluno Dário disse que seu filho que tanto batia no irmãozinho, já não bate mais, apenas conversa.

Uma educação voltada para a formação de valores humanos não ocorre da noite para o dia e os resultados demoram para aparecer. Porém, observa-se que os alunos que antes não conseguiam conversar, que gritavam demais em sala e se agrediam física e verbalmente, agora apresentam atitudes de respeito na resolução de conflitos, posicionando-se de maneira mais crítica e responsável nas situações do dia-a-dia e demonstram estar mais conscientes de seus direitos e deveres.

Também ficou evidente que o interesse pela leitura está crescendo muito. É cada vez mais comum os alunos pedirem o livro que foi lido para levar para casa e ser relido por eles. Também comentam uns com os outros o que acharam dos livros.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do trabalho do 1º semestre de 2006 foi possível observar, na maioria das vezes, a pouca manifestação no cotidiano escolar de atitudes e comportamentos de valores como: respeito, solidariedade e justiça e outros entre as crianças. Às vezes, havia até bastante agressividade entre elas, por meio de gestos, palavras e ações mais contundentes. Daí sentiu-se a necessidade de trabalhar de forma mais científica a literatura infantil na sala de aula, o comportamento, as relações humanas, os valores, visando melhorar o relacionamento interpessoal e a socialização no ambiente escolar e, conseqüentemente, fora dele.

O trabalho de literatura infantil experimentado durante quatro semanas de forma mais apurada, mostrou situações que, na vida cotidiana requer atenção especial quanto às regras para uma boa convivência. A experiência que se teve com o trabalho mostrou mudança no comportamento e na atitude das crianças. Foi comprovado que ela aprende muito com um contar de uma história, ou seja, com a literatura infantil.

A Literatura Infantil pode ser trabalhada desde o início de uma civilização, cabendo ao professor reforçar o desenvolvimento do interesse pela leitura. Para isso, é necessário rever sua postura diante da fase inicial da vida escolar da criança. É no encontro com qualquer forma de literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida.

Com relação aos valores estudados pode-se dizer que a todo o momento é possível fazer com que as pessoas se sintam especiais. Tratá-las com educação e elegância, sempre dá ótimos resultados. A construção dos valores humanos se evidencia no relacionamento interpessoal do cotidiano das crianças, sendo necessário mudanças de atitudes por parte de todos os envolvidos. Mostrar, desde cedo, esses valores é uma forma de estimular o convívio, o respeito e a valorização das pessoas.

Das entrevistas com os professores fica evidenciado que não há preocupação por parte desses profissionais em explorar a literatura infantil como recurso na formação de valores humanos, sendo que a maioria sequer se atenta para a presença dos valores contidos nas histórias que lê para seus alunos.

Todos se queixam da falta de limites e da violência crescente entre os alunos, porém não há um interesse concreto de “arregaçar as mangas” e encarar uma proposta pedagógica que priorize a formação de valores humanos.

Outro aspecto relevante é que os professores em geral afirmam não ter o hábito de leitura e alguns declaram abertamente não gostar de ler, mas cobram uma atitude contrária dos seus alunos.

A educação é o processo de esculpir a personalidade humana. Desde cedo as crianças devem ser preparadas para a vida com os valores eternos da humanidade. Tais valores contribuem para que o ser humano cresça, evolua espiritualmente, desenvolva a sensibilidade, a criatividade e uma série de habilidades e atitudes que, aliadas a conhecimentos, torna-o mais competente, mais humano e mais cristão em relação ao outro e à vida. Sendo assim, diante do que foi observado nas experiências em sala de aula, pode-se dizer que a arte de contar histórias e trabalhar a literatura infantil é um grande caminho para educar a criança de forma agradável e efetiva. Tudo indica que a semente lançada e germinada, provavelmente crescerá, florescerá e frutificará, porque o terreno foi bem preparado. Cabe, no entanto, o cuidado e cultivo perene para que a terra não seque e o adubo não enfraqueça. Este é o trabalho da educação.

## 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R. **Disciplina escolar e cidadania: uma abordagem psicogenética à questão dos limites**. Revista Dois pontos n.21. Belo Horizonte: Outono/inverno, 1995, v.3.

ANTUNES, C. **A alfabetização moral em sala de aula e em casa, do nascimento aos doze anos** – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001. Fasc. 6.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**: tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senão Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1988.

CANDIDO, A. **Textos de intervenção** / Antonio Candido; seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades. Ed. 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

CHALITA, G. **Pedagogia do Amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Gente, 2003.

CÓRIA, S. Maria Aparecida. **Construindo valores humanos na escola/Maria Aparecida Cória-Sabini, Valdir Kessamiguiemon de Oliveira**. Campinas, SP: Papyrus, 2002. (Coleção Papyrus Educação).

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Cap. 4: Os quatro pilares da educação. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa**. Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FÉLIX, J. (org). **Guia de formação para professores das séries iniciais**. PAZOS, Vanda Inês da Silva. Componente Curricular: literatura infanto-juvenil. Brasília: UniCeub, 2004.

\_\_\_\_\_. **Guia de formação para professores das séries iniciais**. COELHO, M. & NETO R. Módulo de fundamentos teóricos e metodológicos da língua portuguesa II. Brasília: UniCeub, 2004.

\_\_\_\_\_. **Guia de formação para professores das séries iniciais**. SOUSA, J. Componente curricular: organização e gestão da escola fundamental. Brasília: UniCeub, 2004.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IZQUIERDO, M. **Educar em valores**. (tradução Maria Luisa Garcia Prada). São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Ética e Valores)

LAKATOS, E. MARCONI, M. **Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LDB - **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LEITE, C. **Os vários gêneros do livro infantil**. Revista Nova escola. Dezembro de 1999.

LODI, L. (org). **Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade** – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Ministério da Educação, SEIF, SEMTEC, SEED, 2003. 6 v.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. **Pesquisa em Educação abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA C. **Livros e Infância** - As histórias infantis como forma de consciência do mundo. [online] Disponível em: <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm> Acesso em: 24/11/2005.

\_\_\_\_\_. **Livros e Infância** –A importância do maravilhoso na literatura infantil. [online] Disponível em: <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm> Acesso em: 24/11/2005.

PIAGET, J. **O julgamento moral da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

TILLMAN, Diane. **Atividades com valores para crianças de 3 a 6 anos**. Diane Tillman, Diane Hsu; edição Carol Gill. São Paulo: Brahma Kumaris, 2002.

## 7 - APÊNDICE

### Roteiro de entrevista com professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental

- Tem o hábito de leitura?
- Conta histórias para os alunos?
- Que tipo de histórias são contadas?
- Que critérios utiliza para seleção das histórias?
- Quem escolhe as histórias?
- Qual o ambiente utilizado para contar histórias?
- Qual o horário mais utilizado para contar as histórias?
- Que valores costuma trabalhar nas histórias contadas?
- Que trabalho é realizado com os alunos depois das histórias contadas?

## ANEXOS

### Histórias selecionadas para servirem como objeto de investigação

#### A Formiguinha e a Neve

Numa manhã fria de inverno uma formiguinha saía para o seu trabalho diário quando um floco de neve caiu: PLIM! E prendeu o seu pezinho.

A formiguinha tentou tirar o seu pezinho e não conseguiu, vendo que morreria de frio, olhou para o céu e pediu ao sol:

\_ Oh, sol tu és tão forte,  
o sol que derrete a neve  
desprende o meu pezinho, olá – lá  
desprende o meu pezinho.

Mas o sol indiferente nas alturas respondeu:

\_Mais forte do que eu é o muro que me tapa.

A formiguinha pediu ao muro:

\_Oh, muro, tu és tão forte  
o muro que tapa o sol  
o sol que derrete a neve  
desprende o meu pezinho, olá – lá  
desprende o meu pezinho.

Mas o muro respondeu duramente:

\_Mais forte do que eu é o rato que me rói!

A formiguinha desesperada pediu para o rato:

\_Oh, rato tu és tão forte  
o rato que rói o muro  
o muro que tapa o sol  
o sol que derrete a neve  
desprende o meu pezinho, olá – lá  
desprende o meu pezinho.

O rato respondeu apressado:

\_Mais forte do que eu é o gosto que me come!

A formiguinha implorou para o gato:

Oh gato, tu és tão forte  
O gato que come o rato  
o rato que rói o muro  
o muro que tapa o sol  
o sol que derrete a neve  
desprende o meu pezinho, olá – lá  
desprende o meu pezinho

O gato respondeu preguiçoso:

\_Mais forte do que eu é o cão que me persegue!

A formiguinha com voz enfraquecida pediu ao cão:

\_Oh cão, tu és tão forte  
o cão que persegue o gato  
O gato que come o rato  
o rato que rói o muro  
o muro que tapa o sol  
o sol que derrete a neve  
desprende o meu pezinho, olá – lá  
desprende o meu pezinho

O cão que estava fugindo de uma raposa respondeu ligeiro:

\_ Mais forte do que eu é o homem que me bate.

A formiguinha já quase sem forças pediu ao homem:

\_Oh homem, tu és tão forte  
o homem que bate no cão  
o cão que persegue o gato  
O gato que come o rato  
o rato que rói o muro  
o muro que tapa o sol  
o sol que derrete a neve  
desprende o meu pezinho, olá – lá  
desprende o meu pezinho.

O homem frio e indiferente respondeu:

\_Mais forte do que eu é a morte que me mata!

A formiguinha apavorada vendo a morte se aproximar suplicou:

\_Oh morte, tu és tão forte  
a morte que mata o homem  
o homem que bate no cão  
o cão que persegue o gato  
O gato que come o rato  
o rato que rói o muro  
o muro que tapa o sol  
o sol que derrete a neve  
desprende o meu pezinho, olá – lá  
desprende o meu pezinho.

A morte respondeu com voz sombria:

\_Mais forte do que eu é Deus que me governa!

A formiguinha reuniu suas últimas forças e orou:

\_Oh, Deus tu és tão forte!  
O Deus que governa a morte  
A morte que mata o homem  
o homem que bate no cão  
o cão que persegue o gato  
O gato que come o rato  
o rato que rói o muro  
o muro que tapa o sol  
o sol que derrete a neve  
desprende o meu pezinho, olá – lá  
desprende o meu pezinho.

E Deus que ouve todas as preces e ama todas as suas criaturas, mandou que enviasse a Primavera. E a Primavera desceu em sua carruagem de veludo e ouro, encheu luz e flores todos os caminhos, pegou a formiguinha e levou para o seu Reino Encantado, onde não há frio e nem inverno e onde o sol brilha para sempre.

## O Grande Rabanete

O vovô saiu para a horta e plantou um rabanete.  
O rabanete cresceu, cresceu e ficou grandão, grandão.  
O vovô quis arrancar o rabanete pra comer no almoço.  
Então ele foi pra horta e começou a puxar o rabanete.  
Puxa-que-puxa e nada do rabanete sair da terra.  
Então o vovô chamou a vovó pra ajudar a puxar o rabanete.  
A vovó segurou no vovô, o vovô segurou no rabanete.  
Puxa-que-puxa e nada do rabanete sair da terra.  
Então o vovô chamou a neta pra ajudar a puxar o rabanete.  
A neta segurou na vó, a vó no vô, o vô no rabanete.  
Puxa-que-puxa e nada do rabanete sair da terra.  
Então a neta chamou o Totó pra ajudar a puxar o rabanete.  
O Totó segurou na neta, a neta na vó, a vó no vô, o vô no rabanete.  
E nada do rabanete sair da terra.  
Então o Totó chamou o gato pra ajudar a puxar o rabanete.  
O gato segurou no Totó, o Totó na neta, a neta na vó, a vó no vô, o vô no rabanete.  
E nada do rabanete sair da terra.  
Então o gato chamou o rato pra ajudar a puxar o rabanete.  
O rato segurou no gato, o gato no Totó, o Totó na neta, a neta na vó, a vó no vô, o vô no rabanete.  
E plop! arrancaram o rabanete da terra!  
\_ Eu sou o mais forte! \_ disse o rato.  
Então todos sentaram e juntos comeram o rabanete, que era tão grande que deu para todos, e ainda sobrou um pouco pra minhoca que passava por ali.

O Grande Rabanete de Tatiana Belinsky e Leninha Lacerda